



SINCRETISMO RELIGIOSO E HIBRIDISMO CULTURAL: Caminhos para a afirmação da religiosidade afro-brasileira.

Rosilene da Conceição Silva^()*

RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma análise reflexiva sobre como o sincretismo religioso e o hibridismo cultural, processo pelo qual as diferenças associam-se, criando estruturas novas, traduzidas e ressignificadas, foram capazes de fazer com que a religiosidade afro-brasileira pudesse resistir e se afirmar em território luso-americano, mesmo diante das tentativas de generalizações e desconstrução dessa religiosidade. Nesse sentido, o sincretismo religioso e o hibridismo cultural foram mecanismos de resistência contra as tentativas coloniais de descaracterização das tradições de matriz africana.

Palavras-chave: Sincretismo, Hibridação cultural, Religiosidade.

As discussões acerca da realidade étnica brasileira é tema recorrente na historiografia. Isso se deve a grande importância do tema para a história do Brasil e a sua implicação social. Essas questões étnicas são discutidas por diversos autores ao longo do tempo e aprofunda-se em sua complexidade à medida que são concebidas em suas análises e reflexões sobre as estruturas em que foi fundamentada a sociedade brasileira, ou seja, reflexões sobre as desigualdades sociais e étnicas que delinearão a sociedade brasileira contemporânea.

As experiências religiosas que existiam na luso-américa, misturaram-se e forjaram as características diversificadas, sincréticas e híbridas que existem na atualidade. Os cultos indígenas incorporados às práticas religiosas africanas que os negros escravizados trouxeram em suas almas na diáspora africana, anexados e justapostos ao cristianismo, em sentidos tão diversos quantos as próprias manifestações religiosas de suas origens, são traços culturais notadamente marcantes em nossa sociedade.

A sociedade brasileira foi marcada desde o seu início pela desigualdade social e tem em sua origem sincrética e híbrida o princípio da sua formação, especialmente um processo como o que ocorreu no Brasil em que negros, escravizados amontoados em senzalas subumanas, e indígenas, caçados e “aprisionados” em aldeamentos jesuíticos, tiveram suas manifestações religiosas e culturais desrespeitadas e desacreditadas no espaço colonial.

^(*) Licenciatura plena em História, Universidade Iguazu. Pós-Graduada em Relações Étnico-raciais e Educação: Uma proposta de (Re) Construção do Imaginário Social (Cefet/RJ). Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Nova Iguaçu, RJ



Assim, pode-se compreender o sincretismo religioso como o caminho para que a religiosidade afro-brasileira pudesse se afirmar, mesmo tratando-se de um ambiente hostil ao elemento estrangeiro, não europeu e legitimado por práticas eurocêntricas, a religiosidade, principalmente a africana, pode ser traduzida e ressignificada no interior do domínio luso-americano.

A marca do arcaísmo, proveniente do trato da questão racial no Brasil em relação a outras potências mundiais permeou durante muito tempo a realidade brasileira. Nem mesmo o fim da escravidão eliminou o atraso mental e social brasileiro, que viveria ainda por muito tempo atrelado a conceitos e discursos, dos quais emanavam preconceitos e, conseqüentemente, desigualdades e que conferiam ao Brasil o status de um país mestiço – logo "sem futuro" – diante das potências europeias consideradas "ideais", ou seja, de população branca considerada uma "raça superior".

A abolição da escravatura não foi um processo que resolveu em si as contradições étnicas e históricas que, desde o período colonial, existiram no Brasil, mas foi o início de um longo processo de aceitação e inserção do negro na sociedade brasileira. A esse processo de aceitação do negro na sociedade soma-se o esforço, também histórico, de aceitação das tradições culturais negras, que para a colônia portuguesa vieram através da diáspora africana e aqui se traduziram e se transformaram em práticas religiosas afro-brasileiras.

O sincretismo das religiões afro-brasileiras remete-se ao Brasil colonial, que nunca foi um espaço de diálogo, apesar das diferenças naturais e sociais, de manifestações de individualidades e demonstração de diferenças, mas sim um espaço dominado, marcado pela centralização e pela generalização. Para uma melhor compreensão desse espaço, DaMatta reporta-se à análise da sociedade portuguesa em uma tentativa de desmistificar o pensamento enraizado no senso comum à cerca da complexidade da organização social brasileira onde tudo tem seu lugar determinado, inclusive os grupos étnicos. Com isso caracteriza-se a sociedade portuguesa como "familiarizada com a segregação" (1987, p. 67). E é sobre estes pilares que os moldes da construção social do Brasil são delineados.

Dessa maneira, o sincretismo religioso afro-brasileiro estaria alocado no período colonial e, apesar das segregações e das generalizações etnocêntricas, foi um importante mecanismo de defesa, frente às imposições culturais europeias – catequização, por exemplo – e tornou-se um instrumento eficaz de resistência cultural-religiosa. Mott aponta para os indícios iniciais do sincretismo no Brasil:



No Brasil, salvo erro, a mais antiga referência ao sincretismo afro-cristão aparece no Quilombo de Palmares, pois, de acordo com o relato dos holandeses que visitam a Tróia Negra, em 1645, lá havia uma capela com imagens de Jesus Menino, de Nossa Senhora da Conceição, de São Brás, e Barleus informa que de longe podia-se ouvir o bater dos pés e o ta-tã dos tambores nos rituais dos negros que se prolongavam noite adentro. (MOTT, 1986, p. 154).

No entanto, o sincretismo, mesmo datando do início do período colonial, e servindo de instrumento de defesa e resistência cultural das tradições “índio-africanas”, não foi suficiente para que a coexistência de manifestações religiosas e culturais diferenciadas, ainda que “disfarçadas” sob a roupagem do diálogo sincrético, fosse destacada negativamente por diversos autores como Nina Rodrigues, que via com pessimismo a diversidade sociocultural do Brasil. Em *Os africanos no Brasil*, Nina Rodrigues revela o seu entendimento sobre essa diversidade:

Os atrasos e os desequilíbrios da sociedade brasileira, fenômenos sociais, provinham das misturas raciais, – bases biológicas –, e culturais encontradas no país. (...) o fator biológico era o principal responsável pelas anomalias nacionais. (RODRIGUES, 1989, p. 30).

Mesmo com o sincretismo religioso afro-brasileiro, remetendo-se entre o século XVII ao século XIX, o pessimismo era uma característica presente nos trabalhos dos intelectuais brasileiros no início do século XX. As disparidades culturais dos diversos grupos étnicos que constituíam o Brasil incomodavam esses autores que não viam uma possibilidade de civilização senão a que estivesse alicerçada nos padrões europeus, o que significa dizer, um povo branco e “educado”, o que não era a realidade brasileira da época. Principalmente após o fim da escravidão. Os trabalhos de Nina Rodrigues elaborados sob a influência das teorias raciais europeias aplicam-se a demonstrar a partir das ciências naturais a degenerescência racial fruto, do que segundo Nina Rodrigues são oriundas da miscigenação racial.

Apesar do pessimismo intelectual acerca da formação sociocultural brasileira no início do século XX, o sincretismo religioso foi uma estratégia fundamental para a sobrevivência dos costumes afro-brasileiros. Esse fato, conforme Mott, é ao mesmo tempo um instrumento potencializador dessa religiosidade, pois, não permitiu a perda da identidade cultural dos grupos e fortaleceu segmentos preteridos da sociedade:

Sua explicação antropológica [do sincretismo religioso afro-brasileiro] pode ser sumariamente resumida em dois níveis: 1) ao cultuar santos católicos, os africanos estavam apenas iludindo os donos do poder e os catequistas, pois sua devoção dirigia-se não a Nossa Senhora ou a Santo Antônio, mas às divindades dos seus ancestrais camufladas atrás das imagens dos brancos; 2) os santos católicos foram



incorporados ao panteão de origem, aumentando e intensificando a magia africana. (MOTT, 1986, p. 146).

Nesse sentido é válido também destacar que, além da simples justaposição das práticas católicas e afro-brasileiras, houve também uma apropriação de determinados traços religiosos que eram “estranhos” às práticas originais, criando, assim, novas estruturas *híbridas*, ou seja, “um processo de ressimbolização em que a memória dos objetos se conserva e em que a tensão entre elementos díspares gera novos objetos culturais que correspondem às tentativas de tradução ou de inscrição subversiva da cultura de origem em outra cultura” (BERND, 2004, p. 101), ressignificadas e traduzidas culturalmente. É importante lembrar que autores como Zilá Bernd demonstram preocupação com o processo de hibridação vendo que este seria mais um instrumento de cooptação das estruturas “minoritárias” pelas estruturas hegemônicas. De certo, no tocante à religiosidade, essa preocupação é válida, porém, os movimentos de resistência e sobrevivência da religiosidade de matriz africana no Brasil confirmam que essa previsão pessimista, ao menos no âmbito geral, não se concluiu, visto que mesmo defrontando-se com atitudes preconceituosas durante a sua história, a religiosidade afro-brasileira pôde se afirmar e ocupar o seu espaço social. Segundo Mott, um exemplo relevante desse processo de hibridação religiosa está presente no Acotundá:

Na Dança de Tunda a simbiose entre o Deus Courá e o catolicismo é impressionante. Malgrado algumas testemunhas delataram terem ouvido ‘palavras que encontram nossa Santa Fé Católica’, o discurso das ‘filhas do Santo Courá era mais de respeitosa alabância do que de oposição ou desprezo ao panteão católico. (MOTT, 1986, p. 146).

A inserção de elementos cristãos à prática do Acotundá revela como que a hibridação foi um meio potente de resistência e sobrevivência de tradições e costumes africanos no Brasil. A hibridação nesse sentido, apesar dos perigos intrínsecos a ela, foi um meio de tradução e estabelecimento do Acotundá no Brasil. Não se pode, no entanto, afirmar o modo como esse processo de hibridação religiosa ocorre, se de forma natural e espontânea ou de forma específica para cumprir um determinado objetivo, qual seja, manter a sobrevivência das tradições afro-brasileira. O que há de certo é que as culturas de uma maneira geral, tendem a se misturar e diversificar, visto que não existem formas culturais puras, mas sim, culturas que de uma forma ou outra sofreram ou sofrem influências do meio em que atuam.

Outro exemplo de estrutura religiosa híbrida pode ser observada nas irmandades religiosas “reservada a gente de cor” no período colonial; nas quais a apropriação de manifestações



religiosas, pode ser considerada como hibridismo religioso. Carlos Ott (1968) relata sobre a irmandade de Nossa Senhora do Pelourinho:

A irmandade de Nossa Senhora do Pelourinho era mais composta de irmãos nascidos na Bahia do que na África; e foram evidentemente os primeiros, os crioulos, que mandavam e desmandavam na irmandade. O elo de união de todos era o rosário, mas não tanto como meio de orientar suas orações e sim como amuleto. Em todas as missões africanas observa-se até hoje a rápida transformação do rosário cristão em amuleto. Gostam de usá-lo, pendurado no pescoço; dá-lhes o aspecto de serem católicos, quando são puros pagãos. Nas irmandades de Nossa Senhora do Rosário na Bahia deu-se a mesma coisa. (p. 121).

A liberdade, ainda que controlada, e a possibilidade de manifestação religiosa conferida aos grupos de origem afro-brasileira, que utilizavam o viés do sincretismo foram determinantes para a sobrevivência da religiosidade de matriz africana. Como explica Munanga, esse movimento de ajustamento social, cultural e religioso, encontra as suas origens na África colonial será invadida pelos conhecimentos, costumes e experiências ocidentais, mas que no interior das relações não faz desaparecer por completo as tradições culturais africanas apesar dos mecanismos colonizadores de cooptação sempre continuarem a agir. E uma das formas possíveis para que as manifestações tradicionais africanas sigam seus destinos seria a integração cultural. Munanga afirma sobre a integração de valores sociais:

De outro lado o Islã continua sua lenta progressão, ocupando cada vez mais espaços. As religiões cristãs multiplicam seus esforços no sentido de tropicalizar-se, de africanizar-se, isto é, adaptar suas estruturas para poder assumir e integrar os valores sociais e culturais das religiões tradicionais. Alguns vêem nessa integração a única chance de sobrevivência das religiões africanas. (MUNANGA, 1985, p. 63).

A integração de valores sociais africanos e europeus, o sincretismo das religiões afro-brasileiras e o hibridismo religioso foram formas pelas quais as tradições africanas puderam sobreviver, resistir e traduzirem-se em movimentos capazes de ultrapassar os limites preconceituosos e “descaracterizantes” dos padrões culturais hegemônicos. Sobre as religiões africanas de hoje. Munanga revela:

Eis o quadro complexo em que se encontram as religiões africanas de hoje: uma justaposição de religiões. Nessa justaposição há algo de persistente que poderia caracterizar as religiões africanas de amanhã: a relação de força vital que explica a comunhão constante entre o homem e a natureza. Cada africano, protestante, cristão, muçulmano, qualquer que seja sua profissão religiosa, conserva ainda este fundo de relação de força vital constatado particularmente nas situações de crise. (MUNANGA, 1985, p. 64).



A justaposição de religiões existentes na África de hoje vai abarcar o que Munanga chama de “o caráter dinâmico de todas as culturas” (p. 62), pois em maior ou menor proporção e escala, a tendência cultural dos povos seria a mudança, inclusive alimentada pela circularidade social. Nesse sentido, o sincretismo religioso e o hibridismo cultural representam essa tendência natural da mudança conferida a todos os grupos sociais, quer de forma espontânea, quer de forma determinados sendo ambos os movimentos de fundamental importância para a afirmação da religiosidade afro-brasileira, pois, através das mudanças, diálogos, traduções e ressignificações culturais é que se tornaram possível a resistência, a manutenção e a disseminação da tradição africanas no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilé. O elogio da criouldade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. In.: ABDALA JUNIOR, Benjamin. (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 99-111.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando. Uma Introdução à Antropologia Social*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- MOTT, Luiz. Acotundá: Raízes setecentistas do sincretismo religioso afro-brasileiro. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, vol. XXXI, p. 124-147, 1986.
- MUNANGA, Kebengele. Quadro atual das religiões africanas e perspectivas de mudança. São Paulo: *ÁFRICA: Revista do Centro de Estudos Africanos, USP*, n. 8, p. 60-64, 1985.
- OTT, Carlos. A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho. *Revista Afro-Ásia*, n. 6-7, p. 119-126, 1968.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. Africanos no Brasil. *Apud QUEIROZ, Maira Isaura P. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. Tempo Social. Revista de Sociologia USP*, 1 sem., p. 29-45, 1989.

ABSTRACT

This paper seeks to make a reflective analysis of how the religious syncretism and cultural hybridity, the process by which differences are associated with creating new structures, translated and reframes were able to do with afro-Brazilian religion that could resist and assert themselves in the territory Luso-American, even in the face of attempts to generalize and deconstruction of religion. In this sense the religious syncretism and cultural hybridity are mechanisms of resistance against colonial attempts of adulteration of African traditions.

Keywords: Syncretism, cultural hybridization, Religion.